

Uma introdução ao OOF^{1 2}

An Introduction to OOF

Katherine Behar

Artista de novas mídias e performance. É professora associada de Novas Mídias no Baruch College, em Nova York. Seu trabalho artístico inclui instalações interativas, performances, arte pública, fotografia e videoarte para explorar a cultura digital contemporânea por meio do feminismo e do materialismo. Publicou os livros *Object-Oriented Feminism* (2016), *And Another Thing: Nonanthropocentrism and Art* (2016) e *Bigger than You: Big Data and Obesity* (2016).

Tradução

Camila Vieira da Silva

Jornalista, crítica e curadora de cinema. Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ.

Julio Bezerra

Pós-doutorando da Escola de Comunicação da UFRJ

Submetido em: 05/06/2018

Aceito em: 15/08/2018

RESUMO

Uma intervenção feminista no campo dos atuais discursos filosóficos é o que este artigo propõe, desenvolvendo diversos argumentos em torno do feminismo orientado aos objetos (OOF). O texto apresenta três aspectos significantes do pensamento feminista na filosofia dos objetos: a política, a erótica e a ética. Os argumentos fazem contraponto às limitações do realismo especulativo, da ontologia orientada aos objetos e do novo materialismo.

¹ Publicado originalmente como Introdução do livro BEHAR, Katherine (ed.). *Object-Oriented Feminism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016, pp. 1-36. A tradução manteve o formato de introdução do texto [N.T.].

² A sigla original em inglês, OOF (object oriented feminism), brinca com a expressão coloquial inglesa “oof”, que indica exaustão ou exasperação. Essa alusão é importante para a própria definição daquilo que vem a ser o feminismo orientado aos objetos e a autora faz ampla referência a esse sentido em determinadas partes do texto. Dessa maneira, decidimos por manter a sigla como OOF e não FOO [N.T.].

PALAVRAS-CHAVE: *Feminismo; Política; Ética; OOO.*

ABSTRACT

A feminist intervention into recent philosophical discourses is the propose of this article, in which several arguments about object oriented feminism (OOF) are investigated. The article announces three significant aspects of feminist thinking in the philosophy of objects: politics, erotics and ethics. The arguments produces a counterpoint face the limits of speculative realism, object oriented ontology (OOO), and new materialism.

KEYWORDS: *Feminism; Politics; Ethics; OOO.*

Um prelúdio: coelhinhas

Primavera, 2010. Estou animada, mas um pouco cautelosa enquanto viajo para Atlanta, onde o Instituto de Tecnologia da Geórgia está hospedando um simpósio por um dia, “Ontologia orientada aos objetos”. Um desdobramento da filosofia realista especulativa, a ontologia orientada aos objetos (OOO) teoriza que o mundo consiste exclusivamente de objetos e trata os seres humanos como objetos como outros quaisquer, em vez de assuntos privilegiados. Esta coisa centrada no não-antropocentrismo conquistou minha imaginação e decidi participar da conferência porque estava certa de seu potencial para o pensamento feminista e para a prática de arte contemporânea. Afinal, tanto o feminismo quanto a arte possuem longos compromissos com a noção de objetos humanos. O simpósio é enérgico e provocante, com um zumbido intangível circulando entre as pessoas, sentindo novos contornos. No entanto, eu me torno consciente de que minha preocupação com o desequilíbrio de gênero em OOO³, embora significativa, empalidece ao lado de um problema feminista mais grave: não há uma única coelhinha nesta conferência. Como pode?

³ No programa completo de nove palestrantes, apenas a última, uma debatedora, era mulher. O desequilíbrio de gênero é sintomático de uma longa tendência do realismo especulativo. Os 25 capítulos do enciclopédico *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism* (2011) incluem apenas uma autora mulher. O mesmo acontece em *Collapse II: Speculative Realism* (2007), que inclui apenas uma mulher entre nove autores. Em *New Materialism: Interviews and Cartographies* (2012), Iris van der Tuin e Rick Dolphijn chegam a escrever que como a maioria dos realistas especulativos é masculina e a maior parte dos autores materialistas são mulheres, seria possível dizer o novo materialismo é mais compatível ao feminismo que o realismo especulativo. Michael O'Rourke estava entre os primeiros que endereçou tais compatibilidades e desequilíbrios no seu ensaio *'Girls Welcome!!!': Speculative Realism, Object Oriented Ontology, and Queer Theory* (2011).

Um dos principais autores da OOO e organizador do simpósio, Ian Bogost, narra as circunstâncias que cercam a omissão de coelhinhas na OOO em seu livro *Alien Phenomenology, or What It's Like to Be a Thing*⁴ (2012). Ele descreve como criou um elemento para o site do simpósio que mostra uma única imagem aleatória do Flickr de um objeto. Seu software, ao qual ele se refere como “imagem-brinquedo” (“image toy”), consulta o banco de dados do Flickr para imagens *taggeadas* pelos usuários como “objeto” ou “coisa” ou “material” e exibe um resultado aleatório, com uma nova seleção aleatória sobrescrevendo a imagem recarregada anteriormente. Seus desencontros surpreendentes expressam um maravilhoso imprevisível e não-antropocêntrico “universo de coisas”.

A imagem-brinquedo é significativa para a ontologia orientada aos objetos, porque ilustra a noção central de “carpintaria”, baseada na *praxis*, forma materialista de investigação filosófica⁵. Nas palavras de Bogost, “carpintaria implica em fazer coisas que explicam como as coisas fazem seu mundo” (Bogost 2012, 93). A imagem-brinquedo gera o que ele chama de “minúscula ontologia”, uma imagem microcós mica da diversidade do ser. Mas aparecer em um site de publicidade do simpósio da OOO foi o triste destino desta minúscula ontologia. Lá, o que esse objeto-brinquedo cria é um mundo de problemas. Bogost explica:

O problema começou quando Bryant, um dos oradores do simpósio, me contou que uma colega (mulher) havia mostrado o site a uma reitora (mulher) – não menos em uma faculdade de mulheres. A imagem que aparentemente brotou foi de uma mulher em uma roupa de coelho... [A] reitora chegou à conclusão de que a ontologia orientada aos objetos era por toda parte objetificação.

De fato, isso soa como um “problema”! E a resposta da OOO é radical - reprogramar a própria ontologia:

⁴ A discussão da imagem-brinquedo aparece no capítulo “Carpentry” nas páginas 93–99.

⁵ Bogost faz uma distinção entre sua concepção e a construção de outras coisas, como “ferramentas e arte”. O feminismo orientado aos objetos abraça a carpintaria, embora também esteja alinhado com práticas experimentais de fazer e engajar artefatos em todas as disciplinas. De fato, a ideia de “fazer coisas que explicam como as coisas fazem seu mundo” é perfeitamente incorporada no trabalho canônico de carpintaria do escultor Robert Morris, *Box with the Sound of Its Own Making* (1961), uma caixa de madeira, lacrada e retraída, que contém um alto-falante interno tocando uma gravação de cassete oculta do processo de início ao fim da construção da caixa.

[Como] qualquer um que tenha usado a internet sabe muito bem, a web está justamente repleta de uma série de imagens objetificadas e exemplificadas pela mulher com roupa de coelho. Algo teria de ser feito para que o espírito da minúscula ontologia não estivesse sujeito a más interpretações. Eu cedi, mudando a consulta da pesquisa...

Com isso, a aparência da mulher sexualmente objetificada com a pequena ontologia do brinquedo provoca uma decisão de eliminar os objetos ofensivos completamente ao alterar o código *booleano*. Editado, o brinquedo agora exhibe apenas imagens *taggeadas* como “objeto” ou “coisa” ou “material” e que não são *taggeadas* como “sexy” ou “mulher” ou “menina”.

No que só pode ser caracterizado como “ontologia vagabunda envergonhada” (“ontological slut shaming”), as coelhinhas – que são os corpos femininos sexualizados – foram barradas da ontologia. E se, ao ler isso, poderíamos pensar que a OOF deveria estar brincando quando se comprometeu com este gesto fundador (impresso, na verdade), certamente não se trata de brincadeira. Agora, esta ontologia parece não apenas pequena, mas empobrecida.

De muitas maneiras, este episódio é uma parábola para as complexas tensões entre feminismo e a orientação aos objetos. Nas suas respostas às coelhinhas, ambos ontologistas e feministas orientados aos objetos (se assumirmos que a reitora da faculdade das mulheres seja uma feminista) acabaram decretando paralizantes reconhecimentos equivocados de participações em torno de objetos, objetificação e práticas materiais. Volto a esse cenário e desvelo suas ricas ironias, em um estudo de caso mais adiante neste capítulo. Mas primeiro, avancemos para o outono de 2014. Muitos dos autores deste volume estão em Dallas para a Conferência da Sociedade de Literatura, Ciência e Artes. Os encontros interdisciplinares da SLSA proporcionaram um lar peculiar e extraordinariamente despretenso para encenar seis painéis ao longo de quatro anos que estabeleceram as bases para o pensamento feminista orientado aos objetos: OOF. Agora, em Dallas, estamos convocando uma mesa redonda onde Irina Aristarkhova faz uma pergunta maliciosa:

OOF é uma piada?

Como se pode suspeitar, a resposta só pode ser *talvez*. OOF – um grunhido de uma sigla que significa “feminismo orientado aos objetos” – é, afinal, chamado de “OOF”. E diante de situações como essas, que outra resposta poderíamos convocar?

OOF

O OOF originou-se como intervenção feminista em discursos filosóficos – como o realismo especulativo, particularmente seu subconjunto OOO, e o novo materialismo – que pega objetos, coisas e matérias como primários. Ele procura capitalizar talvez um pouco parasiticamente as contribuições desse pensamento, enquanto o torce para um terreno mais agencial, político e corporificado. O feminismo orientado aos objetos vira a posição da filosofia de dentro para fora para estudar objetos enquanto é um objeto em si mesmo. Tal auto-implicação permite ao OOF desenvolver três importantes aspectos do pensamento feminista na filosofia das coisas: a política, em que o OOF se envolve com histórias em tratar certos seres humanos (mulheres, pessoas de cor e pobres) como objetos; a erótica, em que o OOF emprega humor para fomentar entrelaçamentos inadequados entre as coisas; e a ética, em que o OOF se recusa a fazer grandes postulados de verdades filosóficas e, em vez disso, aposta em uma postura ética modesta que chega a ser “correta”, mesmo que signifique ser “errada”.

Dar boas-vindas ao erro proporciona ao OOF um jeito poliamoroso de adotar perspectivas múltiplas, às vezes contraditórias. Leitores descobrirão que, entre os capítulos deste volume, não há um interesse em resolver as diferenças nem um investimento em chegar a uma teoria mestre ontologicamente “correta”. Como resultado, o OOF se mantém em tensão com os muitos discursos que toca e está sempre pronto para aplicar um pensamento como problema. Esta variação prioriza a interseccionalidade feminista, cujos enquadramentos ontológicos, articulados na totalidade e na exclusividade, parecem ser substituídos. Assim, este volume e o OOF como um todo objetivam trazer a interseccionalidade à tona e desestabilizar, intervir e fomentar um trabalho mais crítico em torno do ressurgimento dos objetos e todas as coisas materiais no pensamento contemporâneo.

Refletindo ideais feministas de inclusão, o OOF forja alianças ao participar de esforços na teoria e na prática que compartilham não só o compromisso do OOF com o feminismo, mas também seus interesses-chaves no não antropocentrismo e no não-humano, materialismo e coisidade, objetificação e instrumentalização. Por exemplo, o trabalho nos novos materialismos feministas que ressalta nossa condição comum como matéria para superar as distinções humano-não-humano antropocêntricas é compatível com a preocupação do OOF com relações objetais (e é explorada com maiores detalhes na seção abaixo sobre a erótica); e esta mesma

preocupação conecta o OOF com práticas artísticas e curatoriais que estabelecem relações representacionais e não representacionais entre os objetos. Os estudos sobre o Antropoceno, expondo a precipitação ecológica da objetificação utilitária do planeta, ou estudos sobre trabalho na era digital, examinando a rede produtivista dos objetos de dados humanos e não-humanos, estão da mesma forma alinhados com a análise da exploração feita pela orientação aos objetos do OOF (e são discutidos na seção sobre objetos e objeções e na seção sobre política, respectivamente). Simultaneamente, as participações metodológicas do OOF na *praxis* introduzem a teoria dos objetos em formas de feminismo e ativismo de justiça social que também interrogam e procuram transformar as próprias relações de poder que a objetificação descreve (e são consideradas na seção sobre ser orientado de outra forma, bem como em um estudo de caso, usando o exemplo da coelhinha na seção sobre ética).

Assim, enquanto a OOO e o realismo especulativo representam importantes pontos de referência (e fornecem pontos de partida significativos), eles não são, de forma alguma, o único contexto ou o principal para o OOF. De fato, como mostro, a abordagem do OOF para essas e todas as áreas temáticas envolve apropriar-se de certos elementos e rejeitar outros, sempre no interesse de cultivar a *praxis* feminista. Embora as visões do OOF sejam definidas em horizontes mais amplos que a posição filosófica estreita que, por vezes, ecoa nesses debates, seus acordos e seus desvios da OOO e do realismo especulativo, no entanto, justificam especial elaboração no restante desta seção sobre a genealogia do OOF.

O OOF se apegue de bom grado à concepção de mundo não antropocêntrica do realismo especulativo como uma população pluralista de objetos, na qual os seres humanos são objetos não mais privilegiados que qualquer outro. Isso fornece um descanso bem-vindo às teorias da subjetividade que muitas filósofas feministas apontam como fundamentalmente dependentes da lógica do falocentrismo. Também se vale da importante percepção de que nos objetos podemos localizar “realismo” ôntico. Isso também promete um retorno positivo ao “mundo real” após uma geração de pensamento feminista que foi acusada de atribuir gênero como um construto da linguagem⁶. No entanto, não obstante esses méritos, como sua assombrada sigla pode implicar, o tom da OOO frequentemente parece um tanto exaltado por descobrir um universo composto de objetos. Mais ainda, a OOO parece saborear a ideia de que seres

⁶ Para uma discussão mais nunciada, ver Rick Dolphijn e Iris van der Tuin, “Sexual Differing”, em Dolphijn e van der Tuin, *New Materialism*.

humanos também são objetos, um sentido de libertação dos grilhões da subjetividade, especialmente das ilusões “irreais” do correlacionismo⁷. Ao não achar nenhuma dessas posições defensáveis, o OOF se posiciona, portanto, como uma réplica crítica e amigável, alertando esta florescente discussão filosófica que, em primeiro lugar, abordagens orientadas aos objetos são praticadas em disciplinas fora da filosofia, e que, em segundo, muitos humanos estão bem conscientes de serem objetos, sem encontrar nenhum motivo para celebrar essa realidade.

Assim, ao trocar o arquejo da OOO por um corajoso grunhido, o OOF visa injetar o feminismo neste discurso, mas sem dispensar estas noções que, de fato, são essenciais para o ativismo contemporâneo. Para esse ponto, uma terceira contenção da OOO, desenvolvida no trabalho de Graham Harman, é que os objetos são fundamentalmente isolados e selados uns dos outros⁸. Para as feministas, essa ideia é particularmente provocativa: aqueles preocupados com as lutas ativistas no capitalismo tardio fariam bem em imaginar suas implicações. Por um lado, a separação entre os objetos lembra a teoria da serialidade de Jean-Paul Sartre, uma ideia que Iris Marion Young (1994) aplicou ao movimento feminista para explicar a afiliação política de indivíduos que se mobilizavam em torno de um problema sem ser reduzido à identidade grupal. Mas, por outro lado, objetos isolados sugerem um fim à afiliação como tal e, com isso, o imperativo neoliberal de conectar indivíduos em populações. Essa ambiguidade nos oferece a possibilidade de uma pausa. Apesar da rejeição da OOO da “programação orientada aos objetos”, não pode ser coincidência que o pensamento da orientação aos objetos esteja emergindo em uma conjuntura histórica caracterizada por redes ou a capacidade de ordenar por código. A programabilidade é primordial. Resta ver se isso pode preparar objetos para uma concepção feminista de redes como o “circuito integrado” de Donna Haraway (1991) ou se o “isolamento” torna os objetos mais ou menos suscetíveis a regimes de controle. Steven Shaviro (2014) e outros favorecem versões do realismo especulativo que privilegiam a relação whiteheadiana sobre os objetos isolados de Harman e a este respeito parece compatível com a noção de conectividade de Haraway que reflete e resiste à onipresença do código em direção a

⁷ “Correlacionismo” é o termo do filósofo realista especulativo Quentin Meillassoux (2009) para designar as filosofias que seguem o transcendentalismo kantiano em que o pensamento pode apenas acessar pensamento, nunca o mundo em si mesmo.

⁸ Veja Graham Harman, “On Vicarious Causation” em Mackay, *Collapse II*, pp. 187–221.

fins feministas. Como Haraway explica, “networking’ é tanto uma prática feminista quanto uma estratégia corporativa multinacional – tecer redes é para ciborgues opositores” (Haraway 1991: 170).

Na verdade, podemos dizer o mesmo da noção de marca. Nesta frente, o OOF toma essa sugestão da OOO: é uma marca. Como uma marca, a ontologia orientada aos objetos tem alavancado uma postura calculada de frescor para fazer ondas entre várias comunidades. A OOO cunhou alguns como radicais, em parte porque foi desenvolvida na blogosfera e poderia alimentar uma atitude um pouco mais punk em relação às formas institucionalizadas de publicação, parecendo contrariar um estabelecimento filosófico cego e lento. No entanto (apesar da sugestão de Timothy Morton de que a política da OOO poderia ser anárquica), a autoproclamada radicalidade de intervenção discursiva da OOO não foi acompanhada por uma política radical. Por esta razão, e sem dúvida associada ao fato de que os primeiros autores da OOO eram quatro homens brancos (com os quais a escolha por não envolver a política pode aparecer como um ato de privilégio), a OOO deixou alguns leitores com um gosto amargo e sentimentos de frustração.

É aí que o OOF entra em cena, oferecendo uma marca alternativa que é, seguindo a visão de Haraway, tanto uma prática feminista quanto uma estratégia corporativa multinacional. A OOF é uma marca para ciborgues opositoristas. Trata-se então de uma piada? Considere: Objeto. Orientado. Feminismo. Talvez isso soe engraçado. Certamente: juntos, esses termos são paradoxais ou redundantes. Afinal, o feminismo já não lida com a objetificação? Ou, pelo contrário, não é o feminismo orientado para assuntos, não objetos? Não é o pensamento orientado aos objetos, pelo menos como é defendido em recentes ontologias realistas especulativas, claramente afastado da política, que é o terreno declarado do feminismo? Como se deve esperar, a superfície tola do OOF carrega sementes de algo sério.

Objetos e objeções

Qual é o objeto de uma orientação feminista? Historicamente, o objeto do feminismo ou pelo menos seu objetivo tem sido político. Especificamente, envolveu formas internas de

orientar a política através da subjetividade, seja traduzindo práticas domésticas privadas para a esfera pública da política ou avançando o afeto pessoal interior como fonte de conhecimento.

Mas e se o impessoal é político?⁹ Uma pergunta melhor a fazer talvez seja: quem é o objeto do feminismo? A política feminista também pode surgir de orientação exterior, de olhar para o reino abundante de objetos inanimados, inertes, não-humanos. Neste caso, o apelo à solidariedade deve reunir objetos, não sujeitos. Principalmente um branco, homem, hetero, habilitado, herdeiro racional do humanismo iluminista, o sujeito é um arenque vermelho. Imerso entre outros objetos, uma experiência “pessoal” de subjetividade, como em uma personalidade cultural ou legalmente viável, pode proceder para alguns objetos humanos, mas apenas secundariamente e, dada essa bagagem, é algo a ser questionado, não valorizado.

Orientar o feminismo aos objetos significa sintonizá-lo com o mundo dos objetos. Enquanto no início, o movimento talvez estivesse arriscando abandonar as preocupações de sujeitos humanos reais (isto é, mulheres), o objeto mundo é precisamente um mundo de exploração, de coisas “disponíveis à mão” (“ready-to-hand”), para adotar a terminologia heideggeriana de Harman (2002). Esse mundo de ferramentas, sempre à mão, é o mundo para o qual mulheres, pessoas de cor e pobres foram classificados sob o patriarcalismo, o colonialismo e o capitalismo através da história. Se, nas famosas palavras de Audre Lorde, “as ferramentas do mestre nunca desmantelam a casa do mestre”, como nós iremos, como feministas, dar conta do “ser ferramenta” (“tool-being”), tal como Harman o fez, ou da noção de “carpintaria” desenvolvida por Bogost?¹⁰

Perceber continuidade com outros objetos no mundo, não como sujeitos, mas como sujeito ao domínio dos sujeitos, nos permite reformular suposições sobre as prioridades políticas feministas e o que e quem da ética feminista. O feminismo orientado ao objeto não abandona a atenção feminista à interioridade. Antes, como Bogost comentou em sua resposta aos painéis de 2010 do OOF, o pedido do filósofo realista especulativo Quentin Meillassoux para “reencontrar a ‘imensidão lá fora’” (“re-join ‘the great outdoors’”) é uma metáfora que ele

⁹ Tomo essa frase de Hasana Sharp (2009).

¹⁰ De fato, “ao ser ferramenta” a parte, o ensaio de Lorde faz referência ao atual desequilíbrio de gênero no realismo especulativo. Infelizmente, os padrões de negação e justificativas que ela identifica na exclusão por feministas brancas de pessoas queer de cor correm o risco de ressurgir no conjunto deste contexto e sua crítica de 1984 ainda permanece (“The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House,” em *Sister Outsider: Essays and Speeches*, de Audre Lorde [Berkeley, Calif.: Crossing, 2007], 110–13).

normalmente cita como “uma alavanca para mostrar o quão grande é o mundo para além de nossas minúsculas e abandonadas mentes”. No entanto, Bogost observa que o feminismo mostra

o valor de olhar para o exterior de dentro. De fato, um dos objetivos e vitórias do feminismo envolve fazer o interior e o exterior acessíveis e acolhedores, quer envolvam direitos, ideais, identidades ou práticas cotidianas. E quando saímos, rastreamos a sujeira do mundo de volta e vice-versa (Bogost, 2015).

A intervenção do feminismo orientado aos objetos é abordar todos os objetos da posição dentro-fora de ser também um objeto.

Mudar o foco de assuntos feministas para objetos feministas amplia um dogma clássico do feminismo, a ética do cuidado, para promover simpatias e camaradagem com vizinhos não-humanos. Por exemplo, considere o clássico trabalho de Evelyn Fox Keller (1985) sobre gênero e ciência em que a “objetividade” científica é classificada como masculina precisamente porque impõe “a autonomia recíproca do objeto”, proibindo enredos eróticos que confundem as fronteiras do eu e do outro, ou o mais recente trabalho de Maria Puig de la Bellacasa (2012) sobre o cuidado como ontológico em oposição à moral, como é mais tipicamente entendido. Com base no trabalho de Haraway, Sandra Harding e outros, Puig de la Bellacasa define o cuidado, praticado por meio de “*pensar-com, divergir-em e pensar-por*”, como uma função central na ontologia relacional. De acordo com os ecofeminismos e os ciberfeminismos, essas transferências de sujeito para objeto acolhem coalizões absurdas e acomodam hospitalidades anti-sociais.

Uma perspectiva feminista confere urgência política às ideias que humanos e objetos não-humanos são de um tipo e que a qualidade não-subjetiva de ser um objeto é áspera, fisicamente realista. Lembre-se, por exemplo, da teoria de Gaia como a mãe viva Terra, ou o ciborgue de Haraway (2004), híbrido feminista de parte orgânica e parte cibernética. Esses exemplos induzem o que Haraway nomeia como interespécies companheiras, incluindo companheirismo com “espécies” inorgânicas de objetos e elas cultivam novas formas de se tornar o outro do estritamente humano.

Além disso, a reorientação de sujeitos feministas para objetos feministas coloca críticas ao utilitarismo, à instrumentalização e à objetificação em termos inequívocos. As pessoas não são tratadas como “objetos” quando são objetos como tais desde o início. Ao ampliar o conceito

de objetificação e sua crítica ética ao mundo das coisas, o pensamento orientado aos objetos implica evoluir práticas feministas e pós-coloniais ao reconsiderar como funcionam os próprios processos de objetivação. Nesse novo terreno, o que significa para feministas objetificar alguém que já é um objeto? Qual é o potencial transformador de uma política feminista que não assume nenhuma transformação, quando todas as coisas são e permanecem objetos? Trazer tais noções como desafios contribui para uma política que é real sem ser especulativa, enriquecendo tanto as novas teorias das coisas quanto os discursos feministas.

Esses feminismos assumem uma importante função política. Redirecionando o feminismo a partir de um paradigma de visibilidade pessoal para o que Elizabeth Grosz (2002) chama de política impessoal de imperceptibilidade¹¹, o feminismo orientado aos objetos desloca suas agências operacionais de uma “política de reconhecimento”, de *se destacar*, a uma política de imersão, de *ser com*. Seguindo Grosz, a imperceptibilidade suplanta a estrutura hegeliana de formação da identidade recíproca que diz respeito ao “tornar-se do ser” e é inseparável da individuação e da subjetivação, com um modelo nietzschiano em que o ativo, forças auto modificadas desdobradas, “[buscam] o ser do se tornar” (Grosz 2002, p. 466). Aqui, o feminismo orientado aos objetos coincide com perspectivas em novos materialismos feministas, em que nosso *status* comum como matéria abre caminho para a continuidade entre todos objetos, humanos ou não-humanos, orgânicos ou inorgânicos, animados ou inanimados¹².

Para este fim, Patricia Clough (2012) descreve como o trabalho recente sobre corpos, ciência e tecnologia impulsiona a teoria feminista para “[abrir] estudo de corpos para outros corpos que não o corpo humano” (Clough 2012, p. 94). Para Clough, esta revisão forja compatibilidade, mesmo co-constituição, entre corpos e as técnicas de mensuração que suportam avanços na genética e na mídia digital. Ressaltando essa mesma tecnicidade, Nigel Thrift (2012) concebe uma transformação dentro do capitalismo para territorializar uma “nova terra” no modelo de arrendamento em que “local, corpos orgânicos e inorgânicos, e informação são misturadas em uma massa anorgânica que é continuamente cultivada – mas com um tempo maior de circulação”. Novos autores, materialistas ou não, incluindo Morton e Elizabeth A.

¹¹ Além de Grosz (2002), ver também Hasana Sharp (2009).

¹² Sobre os novos materialismos feministas, ver a edição especial de *Women: A Cultural Review* editada por Pita Hinton e Iris van der Tuin.

Povinelli (ambos neste volume) enfatizam como essa compreensão de continuidade entre os seres humanos e o mundo material está se revelando de novas maneiras enquanto nos aproximamos do colapso ecológico em escala planetária no Antropoceno, uma era da nova geologia marcada pela imensa influência humana na Terra¹³.

Esforçando-se para eliminar a subjetividade – ou seja, o danoso legado do excepcionalismo humanista – os ontologistas e os realistas especulativos, orientados aos objetos, também abraçam em igual medida a condição de objeto. Eles vêem o último como uma forma de libertar os seres humanos da armadilha do correlacionismo, absolutamente enredado na concepção do humanismo iluminista do sujeito pensante¹⁴. Estamos, contudo, em um terreno pantanoso. Pois se a intenção de se livrar das armadilhas humanistas da condição de sujeito se configura como um gesto feminista de camaradagem para com os não-humanos, na prática é mais provável que isso continue sendo apenas uma aspiração; e se para aqueles que ainda não estão acostumados a ela, a condição de objeto pode ser esclarecedora, ela raramente se revelará libertadora. Certamente, os exemplos de objetivações que beneficiam os objetivados são poucos e distantes entre si.

Orientado de uma outra maneira

O feminismo orientado aos objetos faz parte de uma longa história de práticas feministas, pós-coloniais e *queer* e promove a continuidade e a responsabilização perante diversos passados oriundos de múltiplas regiões e disciplinas.¹⁵ A saber, os capítulos deste livro refletem múltiplas orientações muito diversas, da ciência e tecnologia à tecnociência, bioarte, filosofia, novas mídias, sociologia, antropologia, performance e muito mais.¹⁶ Na filosofia, o foco principal da investigação orientada aos objetos envolve relações entre objetos,

¹³ A conferência “Feminismo Antropoceno” que aconteceu no Center for 21st Century Thought investigava este tópico diretamente e ressoava fortemente com o feminismo orientado aos objetos. Ver a edição coletada da conferência, editada por Richard Grusin (2017).

¹⁴ O argumento em torno do não correlacionismo está presente em Meillassoux (2009). Para uma análise mais detalhada, ver Bryant, Smicek e Harman (2011).

¹⁵ Em contraste, o não correlacionismo do realismo especulativo é entendido como uma ruptura com um cânone filosófico reinante. Essa narrativa de ruptura posiciona o realismo especulativo como progressivo e futurista.

¹⁶ Essa diversidade reflete o clima interdisciplinar fértil da Sociedade de Literatura, Ciência e Artes, onde as discussões sobre o OOF se originaram. Algumas dessas conexões serão esboçadas em Joy, Kolozova e Woodard (2016).

encontros fenomenológicos de objetos, objetos em arranjos “planos” (“flat”) ou não hierárquicos, relações e interações entre objetos e conjuntos de objetos. Mas é claro que essas questões importantes não são apenas objetivos filosóficos e, durante o século passado, os praticantes do vanguardismo, do feminismo e do pós-colonialismo frequentemente encontraram força em ideias semelhantes. De fato, o “objeto” no feminismo orientado aos objetos conecta-se com engajamentos e experiências passadas e presentes, incluindo práticas artísticas não antropocêntricas¹⁷, com críticas *queer*/pós-coloniais/feministas de objetivação e marginalização, e com críticas psicanalíticas de relação¹⁸.

Frantz Fanon, por exemplo, descreveu a experiência de ser “enclausurado... nesta objetividade” ao perceber que ele “era um objeto no meio de outros objetos” (Fanon 2009, p. 257). Ou, em um espírito de investigação bem diferente, o artista Lawrence Weiner (1982) escreveu sobre seu trabalho: “A ARTE NÃO É UMA METÁFORA SOBRE A RELAÇÃO DOS SERES HUMANOS PARA COM OS OBJETOS E OBJETOS AOS OBJETOS EM RELAÇÃO AOS SERES HUMANOS, MAS UMA REPRESENTAÇÃO DE UM FATO EMPÍRICO EXISTENTE”. Invocando a representação, Weiner contradiz o que Rick Dolphijn e Iris van der Tuin anunciam como anti-representacionalismo do novo materialismo, empurrando para uma forma de facticidade nos objetos, como o “fato da negritude” de Fanon¹⁹. Nesse sentido, podemos entender o que Weiner chama de “a realidade referente a essa relação” entre seres humanos e objetos e objetos e objetos como sua orientação.

Neste sentido, o comentário de Fanon nos remete ao orientalismo de Edward Said (1979), a dinâmica pela qual o Outro objetivado objetiva e assim confirma a posição central do sujeito. Aqui, nossa busca por uma orientação aos objetos feminista nos leva inesperadamente à “fenomenologia *queer*” de Sara Ahmed. Útil para o OOF, a escavação das orientações *queer* de Ahmed (2006) leva-a a analisar vários significados para a noção de “orientação”, distinguindo o

¹⁷ Ressonâncias com a arte têm sido exploradas em exposições recentes, incluindo *And Another Thing*, co-curada com Emmy Mikelson na Já mes Gallery em 2011, e *Speculations on Anonymous Materials*, com curadoria de Susanne Pfeffer no Fridericianum em 2013, entre outras. Concentrando-se em objetos de arte em circulação, Joshua Simon cunhou o termo “neo-materialismo” em um ensaio de três partes publicado no jornal *e-flux* em 2010-11. Em 2015, Christoph Cox, Jenny Jaskey e Suhail Malik questionaram a relevância do realismo especulativo para a prática curatorial; uma história mais longa do interesse “novo” pela arte em objetos é capturada no ensaio de Katy Siegel (2013).

¹⁸ A dimensão psicanalítica do feminismo orientado aos objetos é descrita nas contribuições de Patricia Ticineto Clough aos painéis do OOF em 2010 e 2012, posteriormente publicadas em 2013 e 2014.

¹⁹ Para saber mais sobre antirepresentacionismo no materialismo, ver Dolphijn e Van der Tuin (2012).

ser "orientado para" ("orientated toward") e o ser "orientado em torno" ("orientated around"). No orientalismo, e sob condições de supremacia branca, somos orientados "para" o Oriente, o Oriente como objeto visível (desorientadamente supercondicionado no outro racializado / sexualizado / classificado), mas orientado "em torno" do Ocidente, o Ocidente como uma brancura transparente (incorporada ao cotidiano, sempre passando despercebida). Os pontos cegos inerentes a essa dinâmica requerem nossa atenção, precisamente porque, em sua orientação aos objetos, o OOF sofre de um esquema similar. Devemos reconhecer que mesmo este volume, o primeiro esforço do OOF, contém muito pouco material sobre as preocupações específicas das pessoas de cor. Assim, as críticas à OOO, ao realismo especulativo e à brancura do novo materialismo, e à brancura do feminismo mais hegemônico, pertencem, desapontadamente, a esse esforço também - mas a orientação a um objeto feminista pode nos ajudar a entender por que ou o quê e como poderíamos prosseguir?

Para Ahmed, ser orientada para algo é "compreender" essa coisa como coisa, mas ser orientado em torno de algo é "ser tomado" por uma coisa, de modo que essa coisa se torne o próprio "centro do ser ou da ação" (Ahmed 2006, p. 116). No OOF, mesmo quando nos construímos como objetos entre objetos, nos elevamos como coisas, "orientando-nos" para nossa própria condição de objeto. No entanto, talvez estejamos nos "orientando em torno" de uma questão maior e ainda sem resposta sobre o que fazer com nossa objetividade como tal. Por exemplo, enquanto a luta feminista (branca) abriu espaço para o pós-feminismo como uma possível resposta a essa questão, a luta antiracista não aceita - e nem deveria - a pós-racialidade²⁰. De fato, essas duas possibilidades de "pós" objetividade respondem à pergunta sobre o que podemos fazer com nossa objetividade: reivindicar a objetificação, dando-lhe maior visibilidade, ou negar, se não a objetificação, sua relevância, obscurecendo-a ainda mais. No segundo caso, a objetificação ameaça desaparecer da consciência, como outro hábito ocidental. Essa divergência acentuada sinaliza um sério ponto de pressão que exige uma reflexão mais profunda e o compromisso de que o futuro questionamento do OOF "assuma" condições de supremacia branca - condições que podem ser tão fundamentais para nossa

²⁰ O meu pensamento sobre o pós-racial está em dívida com a rica discussão levada à cabo em em "Archives of the Non-Racial", um workshop móvel organizado pela Oficina de Joanesburgo em Teoria e Crítica em parceria com o Seminário do Instituto de Pesquisa em Humanidades da Califórnia em Teoria Crítica Experimental, do qual tive a oportunidade de participar durante o verão de 2014.

compreensão da objetificação, utilitarismo e exploração que somos inadvertidamente “tomados” por eles, mesmo quando consideramos nossa própria objetividade.

Nisso, o OOF se conecta com o trabalho orientado aos objetos em estudos feministas indígenas, como os estudos reveladores de Kim TallBear sobre DNA e cachimbos de nativos americanos, ou o trabalho de Povinelli sobre arranjos aborígenes e "geontologia", nos quais raça, orientação aos objetos e não-antropocentrismo indígena convergem em torno de questões de soberania²¹. As abordagens indígenas ao não-antropocentrismo e à orientação aos objetos forjam uma linha distinta entre um modo artefactual, também empregado na teoria orientada aos objetos, e uma perspectiva vitalista que também aparece no novo materialismo. Essa postura é compatível com o OOF, especialmente na medida em que é absolutamente correto ter objetivos políticos reais. Aqui, novamente, o OOF se afasta da especulação ontológica. Pois se, para emprestar a frase de Weiner, esta é “a realidade referente a essa relação”, então “realidade” exigirá intervenção e mudança. Assim, o feminismo orientado aos objetos não professa inocência, mas oferece uma prática ativista prescritiva, rejeitando a postura não-intervencionista e descritiva dos ontologistas - que permanece muito impregnada pelo distanciamento do orientalismo.

Erótica: métodos por meios artificiais

O Objeto-Outro do Orientalismo ancora e garante a assim chamada “visão do nada” do sujeito ocidental, dando um salto adicional da objetificação para a objetividade. No entanto, como Lorraine Daston (1992) observa em sua história de "objetividade aperspectiva", as noções contemporâneas de objetividade são fundamentadas em um distanciamento da atividade científica do século XIX em relação à posição artística ou filosófica de sujeito individualista cultivada na solidão intelectual. A objetividade, que se torna sinônimo primeiro de objetividade científica e depois de objetividade em geral, foi entendida como resultante da correspondência científica em redes crescentes de comunicação: uma mente coletiva anônima,

²¹ Os estudos indígenas são outro campo que há muito desenvolve um trabalho significativo, feminista e pós-colonial, orientado aos objetos, embora muitas vezes sob diferentes terminologias disciplinares. Ver, por exemplo, TallBear (2013) e Povinelli (2014).

convivial (e frequentemente desqualificada). Embora muitas vezes consideremos a objetividade racional e desinteressada como uma marca dos sujeitos humanistas, ela de fato surge no momento em que sujeitos individuais criativos se disseminam em redes de coisas.

Dessa forma, na prática, e em um compromisso compartilhado com o não-antropocentrismo, o OOF também ressoa o novo pensamento materialista, em particular com o novo materialismo feminista²². A OOO e o OOF compartilham uma orientação construtivista; no novo materialismo, os métodos frequentemente se manifestam em torno da experimentação científica com todos os tipos de objetos. Isso inclui até mesmo objetos minúsculos e escorregadios que residem bem abaixo do limiar usual de acesso humano, como aqueles no nível inanimadamente não-antropocêntrico da física quântica. Por exemplo, a física, bem como filósofa, Karen Barad demonstra como o novo materialismo fornece oportunidades para testar certas teorias sobre tempo, identidade e assim por diante, em um ambiente de laboratório empírico²³.

O feminismo orientado aos objetos compartilha essa propensão à experimentação em detrimento da especulação. Onde um ontologista pode especular, descrevendo o mundo: “É assim que as coisas são”, feministas orientadas aos objetos e novos materialistas feministas se engajam no mundo usando a *praxis* experimental, “Esse é um jeito de estar com as coisas”, ou, mais precisamente, “este é um modo de ser coisas”. Com a experimentação, o novo materialismo feminista abrange a ação das coisas, independentemente de qualquer influência humana. Como o “panpsiquismo” whiteheadiano que Shaviro (2014) identifica no realismo especulativo, o novo materialismo adere ao animismo abundante no mundo das coisas, bem como às formações políticas que não precisam incluir seres humanos²⁴. Assim, com a cuidadosa atenção aos objetos, e a orientação do sujeito em um agenciamento humano-não-humano, o trabalho de Jane Bennett produz um mundo material repleto de poder afetivo impessoal e carregado de implicações pensadas para a política humana-não-humana. Em *Vibrant Matter*, Bennett descreve a “força-coisa” independente de “objetos feitos pelo homem” para “tornar-se coisas vibrantes com certa efetividade própria, talvez um grau pequeno, mas irreduzível de

²² A recente emergência de filosofias materialistas inclui várias antologias dignas de nota: Coole e Frost (2010); Dolphijn e Van der Tuin (2012); e, de importância especial para os interesses interdisciplinares do feminismo orientado aos objetos, Barrett e Bolt (2013); e Pitts-Taylor (2016).

²³ Ver, sobretudo, a teoria do “realismo agencial” de Barad (2007).

²⁴ Sobre formações políticas, ver Latour e Weißer (2015); Seijdel (2012); e Marres (2012).

independência” (Bennett 2010, p. XVI). Encontros com o mundo exterior de coisas, incluindo matéria inorgânica, expõem sua qualidade “vibrante”, seduzindo e nos estrangulando.

Enquanto os experimentos de Barad ocorrem em um cenário mais rarefeito de um laboratório de física, os de Bennett são conduzidos na experiência diária, em locais tão banais quanto uma calçada não varrida. Essa disposição experimentalista ampla e não-hierárquica é compartilhada pelo feminismo orientado aos objetos e ecoa sobre a ampla gama de objetos envolvidos nos diferentes capítulos deste volume. Em qualquer meio, a experimentação é sempre participativa, sempre tanto observacional quanto intervencionista. Isso permite mexer nas verdades recebidas, preparando-nos para alianças com realidades *hackeadas*, arranjos investigativos na vida e práticas estéticas radicais da arte.

Anne Pollock (2015) observou que os objetos no feminismo orientado aos objetos, como na OOO, são geralmente coisas descaradamente artificiais, típicas da engenharia e da arte. Aqui, o feminismo orientado aos objetos e novos materialismos podem começar a divergir. O objeto de estudo do novo materialismo é frequentemente uma coisa da ciência, uma parte essencial da munição granular da matéria que se origina no mundo natural. Como os objetos feitos pelo homem que emitem o poder das coisas de Bennett, ou as naturezas naturais de Haraway, os objetos artificiais não podem reivindicar qualquer pureza ou naturalidade que possa estar associada à investigação científica adequada²⁵. Talvez por essa razão, a abordagem do novo materialismo é sincera, reverente por algo que, de alguma maneira, ainda é puro.

Compare isso com a afirmação de Aristarkhova de que o humor é uma façanha do pensamento que está se tornando cada vez mais difícil para os teóricos, os filósofos e até mesmo os cientistas, mas pode ser alcançado por artistas, imersos como estão no artifício. Enraizado na vontade niilista de Friedrich Nietzsche de rir da verdade, o humor do OOF está de acordo com as tradições do riso feminista radical²⁶. Além disso, é fundamental para as

²⁵ Para David Berry (2012), os objetos artificiais da OOO, na medida em que são “produtos do capitalismo neoliberal” feitos pelo homem, evidenciam um ponto cego no não-antropocentrismo da OOO. Enquanto Berry vê esses objetos como “contaminados” pela intervenção humana, essa impureza é precisamente onde o OOF encontra um terreno comum. Em resposta ao chamado de Berry para “ver o que está sendo listado nas litâneas descritivas da OOO”, o OOF observa que os objetos humanos e não-humanos são agora igualmente produtos do capitalismo neoliberal.

²⁶ As primeiras obras de Rosi Braidotti e outras teóricas feministas, como Luce Irigaray e Hélène Cixous, baseiam-se na força positivista do riso em Nietzsche. Sobre o humor e o papel do riso no trabalho criativo e teórico feminista, ver Braidotti (2015), que apresenta uma extensa seção sobre humor e o papel que o riso desempenha no trabalho criativo e teórico feminista. Um texto fundamental sobre riso na teoria feminista é “The Laugh of the

metodologias feministas orientadas aos objetos, o humor é uma prática criativa e construtivista. O humor também é uma forma de fazer - fazendo-nos rir.

Por exemplo, o *Public Cervix Announcement*, de Annie Sprinkle, cristaliza o humor feminista orientado aos objetos por meio da *performance art*. Sprinkle, reclinada com um espécule inserido em sua vagina, convida os membros da audiência a se aproximarem dela com uma lanterna para se familiarizar com a beleza oculta do colo do útero²⁷. Para o OOF, esse desempenho é seminal (trocadilho intencional) em primeiro lugar para colocar o objeto do colo do útero, literalmente, no centro do palco. Além disso, como ex-prostituta e atriz pornô, Sprinkle é singularmente autoconsciente de seu próprio *status* como objeto sexual e, ao se objetivar em suas performances, fomenta risadas, alegrias e prazeres radicais. Escrevendo com uma característica atrevida e insolente sobre esse projeto, Sprinkle afirma: “Adoro meu colo do útero. Tenho orgulho dele em todos os sentidos e estou feliz em colocá-lo em exibição”. Com aqueles que classificam seu trabalho como desmistificação, ela brinca: “Você nunca pode desmistificar um colo do útero”.

Esse aspecto generativo do riso traz à mente o erótico, precisamente porque complica as afirmações de verdade da ciência. Fox Keller (1985) escreve: “A imagem da ciência é antitética a Eros”. Ela percebe uma conexão entre a dessexualização da ciência e seu gênero masculino, que, ela observa, “conota uma rejeição radical de qualquer mistura de sujeito e objeto... consistentemente identificados como masculinos e femininos”. E assim, Isabelle Stengers (2000) lamenta: “Nossas ciências não mais nos fazem rir”. Como a preferência pela artificialidade inferior ao conhecimento de raça pura, a ciência risonha de Stengers aspira à paixão do amadorismo e à promiscuidade das influências externas. “Os cientistas”, afirma ela, “podem se aliar a outras paixões”.

A séria empreitada da ciência como tal depende da proibição da generatividade erótica e da não-heteronormatividade. Para esse fim, Angela Willey (2016) pede “novos recursos

Medusa”, da Cixous. Sobre o riso e o humor como um gesto desconstrutivo na filosofia feminista, especialmente em resposta à “seriedade” patriarcal do Pai, ver Irigaray (1985).

²⁷ Em seus projetos atuais, Sprinkle colabora com sua parceira, Elizabeth Stephens, para levar a erótica feminista orientada aos objetos a um extremo não antropocêntrico. Em projetos como *Dirty Sexology—Twenty-Five Ways to Make Love to the Earth* e *Green Wedding* Sprinkle e Stephens atuam como “ecossexuais” em busca de encontros eróticos de tipo planetário. Ver:

<http://anniesprinkle.org/projects/current-projects/dirty-sexecology-25-ways-to-make-love-to-the-earth/>
<http://anniesprinkle.org/projects/current-projects/love-art-labora-tory/green-wedding>

conceituais que problematizem a biologia como *locus* de afirmações sobre a materialidade dos corpos” que ela encontra problematicamente invocados em novos materialismos feministas²⁸. Os métodos existentes não são suficientes. Willey baseia-se na expansiva erótica de Audre Lorde: intimidades humanas não-humanas inclusivas que “[postulam]. . . não há diferença qualitativa entre as experiências de construir uma estante de livros, pensar em uma ideia, fazer amor com uma mulher, ouvir música e escrever um poema” (Wiley 2016, p. 561)²⁹. Todas essas “outras paixões”, como diz Stengers, revivem a alegria.

Embora o erotismo de Lorde aceite envolvimento não-humanos, a vida e a auto-afirmação ainda permanecem. Então, talvez surpreendentemente, a erótica do OOF está mais bem alinhada com uma versão do erotismo teorizada por Georges Bataille, como a entrega radical do eu em tornar-se não-sujeito. Através do erotismo físico, emocional e religioso, indivíduos “descontínuos” alcançam a continuidade com o mundo dos objetos. Deixando de lado o instinto de autopreservação do sujeito, o erotismo não respeita fronteiras, nem o limite entre o eu e o outro, nem mesmo o limite entre a vida e a não-vida, colocando conexão e continuidade com o mundo acima da auto-aniquilação. “O erotismo”, escreve Bataille, “está assentindo à vida mesmo na morte.” O erotismo de Bataille permanece fundamentado em uma posição de soberania humanista (condenada na medida em que é precisamente a posição que o erotismo procura superar), em uma estética transformacional que assume o movimento entre sujeitos e objetos, ao invés de uma ontologia plana de objetos, e uma dinâmica de gêneros que não tem como sustentar uma análise feminista contemporânea. Ainda assim, as ideias eróticas de Bataille sobre como evitar a sujeição por meio de alianças excessivas e profanas e a não-vida são influentes para o feminismo orientado aos objetos. Como o riso, fomentar a fusão erótica com um objeto, como meio de se tornar objeto, é um ato criativo e generativo.

Essas pré-histórias importantes para a orientação aos objetos de hoje também incluem práticas feministas em torno do corpo, como subculturas fetichistas e arte corporal. Enquanto, como vimos, com o desempenho de Sprinkle, algumas afirmações estratégicas e eróticas sobre a objetividade podem nos fazer rir, outras são claramente politicamente resistentes. Por exemplo, em um trabalho de cinema expandido, *Touch and Tap Cinema*, a artista Valie Export

²⁸ Willey dissecar cuidadosamente um debate sobre os “gestos fundadores” do novo materialismo, que foi publicado nas páginas do *European Journal of Womens Studies*. Para saber mais, ver Ahmed (2008); Davis (2009); e Sullivan (2012).

²⁹ Ver também Lorde (1984).

tornou-se um objeto duas vezes³⁰. Anexando uma maquete de papelão de um cinema ao seu peito nu e oferecendo aos transeuntes a possibilidade do toque, ela usou seu corpo para encarnar o dispositivo cinematográfico. Export transformou-se simultaneamente no objeto arquitetônico do cinema e no objeto fílmico do olhar masculino, posteriormente canonizado na teoria cinematográfica feminista de Laura Mulvey em 1975, “Prazer visual e cinema narrativo”. Essa afirmação erótica de ser ambas as coisas oferece aos espectadores uma contradição interna, e tem o efeito de se dobrar contra a objetivação, deixando claro que sua declaração política, mesmo quando meio disfarçada de brincadeira, é inteiramente séria. Retornemos então à lúcida questão de Aristarkhova, o OOF seria uma brincadeira? O feminismo orientado aos objetos mantém uma relação sempre carregada com a noção de sinceridade e com a seriedade da soberania. O absurdo erótico quebra o senso comum da ideologia. Pares eróticos problemáticos provocam *insights* sobre as entranhas das coisas. E talvez o mais importante, a agilidade erótica evita o pesado fardo das reivindicações da verdade.

Essa última preocupação, com a verdade, é igualmente crucial para os métodos, ética e política do feminismo orientado aos objetos. Frequentemente, o humor carrega uma nota de verdade, mas pelo menos na face das coisas, o feminismo orientado aos objetos parece manter sua distância, permanecendo alinhado com o artifício e desinteressado em ser completo/perfeito ou estar sempre certo. Por um lado, o feminismo orientado aos objetos extrai de um legado pós-moderno no qual a verdade é, em primeiro lugar, radicalmente relativizada. Por outro, reconhece que insistir na relevância do pós-estruturalismo, do capitalismo e da psicanálise para explicar tudo transforma esses gestos relativistas em narrativas-mestras.

³⁰ Ver Valie Export, “TAPP und TASTKINO, 1968” (alemão): http://www.valieexport.at/en/werke/werke/Ptx_ttnews%5Btt_news%5D=1956. Ver a sinopse em Valie Export: Tapp und Tastkino, re.act.feminism: A Performing Archive: <http://www.reactfeminism.org/entry.php?l=lb&id=46&e=>. Ver também a discussão deste e de outros trabalhos em LaBelle (2015).



Figura 1 - Valie Export, TAPP und TASTKINO (Touch and Tap Cinema), 1968. Documento da ação performática de Valie Export. Tapp and Tast film—street film, mobile film, body action, authentic woman film. Fotografia de Werner Schulz. Copyright 2015 Valie Export/Artis

Enquanto uma vantagem construtivista aliada à leviandade retórica são características que o feminismo orientado aos objetos compartilha com a arte e com a OOO, este último permanece investido em afirmações de verdade filosófica sobre uma certa ontologia. Da mesma forma, o novo materialismo reivindica verdades que cercam a ciência não-antropocêntrica e a natureza e a inerência da matéria como tal. Mas, por se basear em um paradoxo redundante e cheio de artifícios, o feminismo orientado aos objetos está no caminho certo para alcançar além do que é falso, em um sentido erótico, em excesso da verdade singular. Por isso, se esforça para estar errado, mas não no sentido de estar incorreto. Sua promessa é estar errado, como se fosse fracassar, como em “garota, isso está tudo errado” - indiferença franca pela correção. Estar errado dessa maneira é um trabalho político radical. Significa deixar de lado a verdade e a correção em favor de ser artificial e desajeitado, tudo para dar lugar a uma erótica de pensamento e ação generativa. A aposta subjacente é a de que o raciocínio correto tende a se enrolar ao longo do processo.

Somente quando nos dispusermos a sermos todos os tipos de erros poderemos estar corretos, no sentido ético. Em seu trabalho no cinema, Povinelli aponta como a variação nas reivindicações da verdade é capaz de produzir mundos variados, o que equivale a um arranjo político diferente. As alegações de verdade filosófica, fictícia, científica e cotidiana exercem todo o poder social em diferentes graus, de modo que as relações de poder e as desigualdades

surtem naquilo que o autor da OOO, Levi R. Bryant (2011), chama de “ontologia plana” (“flat ontology”). Bryant se refere a uma “democracia de objetos”, mas as relações de poder entre noções de democracia são complicadas devido ao poder desigual com que elas funcionam. A biomedicina e dataficação são casos exemplares. Podemos considerar a pesquisa do geneticista Rick Kittles (2006) como exemplo. Embora ela revele que 30% dos homens afro-americanos têm um cromossomo Y indicando descendência europeia, Kittles nos lembra que não há como mostrar um cromossomo Y para um policial que manda você parar. Da nova ciência temos novos objetos, mas problemas antigos persistem³¹.

Verdades erradas e reclamações devidas à objetificações frequentemente revelam que os objetos feministas são inacessíveis, ao mesmo tempo obstinados e retraídos. Ao remover a tela cinematográfica e fornecer “acesso” ao seu corpo como objeto, a performance de Export expõe o vazio das promessas do cinema: a experiência háptica é igualmente seca. Da mesma forma, o cromossomo Y fica quieto, recusando-se a falar até que se torne tecido, no sentido de Haraway, de maneira a formar tecidos específicos que colem a pesquisa genética e o tráfico de escravos do Atlântico. A concepção de objetos da OOO como fundamentalmente retirada e autocontida ressoa com objetos feministas que nos resistem, e com a noção feminista de que, como objetos, resistimos. No entanto, abandonar essa ambição de verdades verdadeiras ou concludentes na verdade (e por grandeza em todas essas alegações grandiosas) contribui para uma teoria modesta e uma prática humilde. Como o assentimento ao auto-apagamento erótico, a auto-implicação insistente e a modéstia meticulosa são metodologicamente necessárias se a esperança é alcançar algo que se assemelhe ao não-antropocentrismo. E esta é a esperança oferecida: ser objetos, generosa e generativamente, juntos; reconhecer quão carregada é essa posição, sempre para todas as partes, à medida que o poder se articula através de todo e qualquer arranjo de objetos; e desse reconhecimento sobre a condição de objeto, ou seja, o auto-reconhecimento na condição de objeto, cultivar uma *praxis* do cuidado.

Ética: fora do armário ou sob o tapete

³¹ De fato, embora projetos como *African American Lives* pareçam manter uma noção cientificamente determinada de ancestralidade, eles demonstram como estatísticas como essas são relíquias da escravidão e outras relações sociais materiais.

Então, como um estudo de caso para a análise do OOF, vamos retornar àquele exemplo “problemático” anterior, relativo ao feminismo, de perguntar, como exatamente a coelha passou a ser varrida para debaixo do tapete da carpintaria? Há alguma coisa errada aí.

A reivindicação de verdade das ontologias existe no sentido de dar conta do ser; como tal, essa reivindicação professa plenitude e sugere neutralidade. Um ontologista afirma: “É assim que as coisas são”. Mas um ontologista não estaria também alegando algo mais? “Isso é (apenas) como as coisas são.” Em resumo, as ontologias estão sujeitas à ética? O OOF afirma que sim. Lembre-se de que a carpintaria, o modo de *praxis* das coisas da OOO, “implica fazer coisas que explicam como as coisas fazem o seu mundo”. Não apenas o objeto ou artefato é de importância aqui; vale o mesmo para o sentido da orientação. A coisa, não o criador, explica o mundo; então, orientar ou ouvir coisas gera ontologia.

Na discussão maior de Bogost, a imagem-brinquedo é um dos dois exemplos de carpintaria que ele codificou. O primeiro é o Latour Litanizer, um software que gera listas de objetos incongruentes no estilo daqueles encontrados nos escritos de Bruno Latour. Imitando a predileção de Latour por listas de coisas, o Latour Litanizer opera de maneira semelhante à imagem-brinquedo. O software chama uma série de títulos de artigos aleatórios do Wikipédia com links e gera uma nova lista de objetos (ou seja, entradas) a cada atualização. É importante ressaltar que Bogost afirma que, no interesse do não-antropocentrismo, seu Litanizer melhora a técnica manuscrita de Latour, eliminando o viés da autoria humana.

O Latour Litanizer gera menos “problemas” do que a imagem-brinquedo, pois não requer edição para remover a presença ofensiva de mulheres, meninas ou sensualidade, mas apenas porque essa “edição” ocorreu em uma etapa anterior. A inclinação sexista da Wikipédia é bem conhecida. Seu “viés sistemático de gênero” foi tema de dois projetos da National Science Foundation em 2014 (Brueckner, 2015, e Harrington, 2014), e, apesar do ativismo da Wikipédia Edit-a-Thons, que busca aumentar artigos sobre mulheres, estima-se que apenas 10% dos contribuintes da Wikipédia sejam mulheres³². Por esse motivo, seria redundante codificar o Litanizer para remover mulheres da Wikipédia. Esta minúscula ontologia já reflete um problema maior.

³² Inúmeras fontes discutem o viés de gênero na Wikipédia. Sobre a lacuna de gênero entre os colaboradores, ver Auerbach (2014). Sobre o viés de gênero no conteúdo, ver Philapacchi (2013).

Não é o caso da imagem-brinquedo justamente porque, enquanto os artigos de enciclopédia que apresentam as mulheres e suas realizações continuam estatisticamente raros, imagens que objetivam as mulheres proliferam *online*. Por isso, é fácil para uma reitora ver uma coelha, e fácil pra ela “concluir que a ontologia orientada aos objetos [é] objetivação de cima a baixo”. Bogost reconhece que a interpretação dos decanos era “compreensível”, embora “não intencional”, enquanto insiste que “a objetificação sexista... não é apoiada pelo pensamento da OOO” (Bogost 2012, p. 98).

Embora a implicação da objetivação não-sexista permaneça uma questão em aberto, Bogost corretamente observa que na experiência-objeto de sua minúscula ontologia, sua “mudança também corre o risco de excluir toda uma categoria de unidades do reino do ser!” Certamente a escolha de apagar o *status* ontológico de mulheres, meninas e sensualidade é um movimento que merece um maior escrutínio. Eu argumentaria que codificando contra outras incursões de mulheres sexualmente objetivadas em uma área ontológica programada, a OOO não entende muito bem do assunto. A objetificação sexual não é “apoiada pelo pensamento da OOO”. Ao contrário, objetificação, utilitarismo e instrumentalização são presenças que assombram a OOO, e que estão no coração do feminismo orientado aos objetos.

A orientação em relação ao objeto da carpintaria deve nos ensinar que a coelhinha em nosso meio não é “o problema”. Em vez disso, a coelha permanece, objetivada e objetivamente, como prova de que a OOO se mantém precisamente em uma condição ontológica que inclui objetivação, por mais desconfortável que essa realização possa ser. A questão de “por que as coelhinhas da *Playboy* seriam apresentadas em uma conferência de filosofia” não é uma questão de má interpretação; em vez disso, o comentário identifica astutamente a intervenção filosófica desarrumada e errada que esta ontologia, ao se orientar para objetos, estaria preparada para fazer. E tal intervenção realmente teria sido profunda. O *status quo*, no qual as conferências de filosofia são desprovidas de coelhinhas da *Playboy*, está inteiramente de acordo com a zona de conforto da moralidade humanista, não mencionando os costumes institucionais patriarcais que preferem envolver os corpos femininos no abstrato, se é que o são. A resposta da reitora pode muito bem ter sido motivada por esse tipo de feminismo politicamente correto (e, portanto, politicamente impotente). Mas ao abolir mulheres, meninas e sensualidade, a OOO perpetua essa mesma abstração e silenciamento.

Bogost afirma que a “conquista filosófica da imagem-brinquedo vem da questão que ele coloca sobre o desafio que a ontologia e o feminismo impõem uns aos outros”. Mas a resposta da OOO tem o efeito oposto - descartando em vez de colocar quaisquer questões. Aqui, a carpintaria realiza o triste inverso da orientação aos objetos. Reafirmando o controle autoral, a OOO reintroduz a mesma tomada de decisão humana tendenciosa que foi argumentada contaminando as listas escritas à mão de Latour. Ao final, podemos afirmar as ontologias como sujeitas à ética, simplesmente porque elas provocam essa censura.

Voltando à definição de carpintaria como “fazer coisas que explicam como as coisas fazem o seu mundo”, se quisermos entender o mundo tal como explicado pelo objeto imagem-brinquedo, esse brinquedo sexista surpreende nossas expectativas. Políticas humanistas antiquadas perguntam quem conta como sujeito (e critica a objetificação das mulheres com base no fato de que classificar as mulheres como objetos significa que elas são menos que sujeitos). A orientação aos objetos estabelece um problema político inteiramente diferente: a questão do que conta como um objeto. Perversamente, neste caso, “ser objetificado” impede que este “ser” esteja na categoria ontológica de “objeto”. Ao tentar corrigir o primeiro problema sobre quem conta como sujeito - o que, é preciso dizer, é ontologicamente irrelevante, mesmo que seja socialmente condenável - a OOO produz o segundo problema, relativo ao o que conta como objeto - o que carrega importantes apostas ontológicas.

O que não significa diminuir o valor da carpintaria em si - longe disso. A lição a ser obtida, ao que parece, é sobre o poder da carpintaria, da potência da *praxis* e a ética de estabelecer categorias ontológicas.

Política: reequipando

Por fim, o feminismo orientado aos objetos contribui para uma reorientação crítica do conceito de orientação aos objetos em si. Quando perguntados, os proponentes da OOO insistem que o termo ontologia orientada aos objetos não tem nada a ver com a “programação orientada aos objetos” (OOP). Harman, diz a lenda, simplesmente acho o termo atraente e apropriado. Mas o que é OOP?

A programação orientada aos objetos é uma forma de programação de computadores que faz uso de “objetos” para organizar informações. Em OOP, um programador cria objetos, entidades prototípicas em código que têm qualidades definidas, conhecidas como “atributos” e capacidades, conhecidas como “métodos”. Isso permite que o programador gere subsequentemente múltiplas instâncias desse objeto, cada uma das quais, enquanto única, corresponde ao seu modelo.

Enquanto a OOO pode negar essa associação, muito trabalho realizado sob o manto do feminismo orientado aos objetos sugere que existe uma conexão entre eles. No realismo especulativo, na ontologia orientada aos objetos e no novo materialismo, encontramos uma nova onda de teorias que toma objetos, coisas e matéria como unidades fundamentais. Essas ideias estão surgindo agora em meio a um conjunto particular de condições históricas. Embora a OOO e o novo materialismo afirmem sua própria transcendência em relação à história, o feminismo orientado aos objetos, sugere que alguma forma de contingência histórica está em ação. Alexander R. Galloway (2013) critica de modo similar a reiteração da linguagem do capitalismo pós-fordista, mas o OOF tem interesses em uma formulação diferente da especificidade histórica da OOO. O materialismo e o pensamento orientado aos objetos são populares agora por uma razão - e não é porque a virada linguística reescreveu distinções como gênero como construções aparentemente irrelevantes. Ao contrário, neste momento, paradigmas como gênero são mais dignos de nossa atenção porque estão no processo de se tornar algo diferente do que imaginávamos. Cada vez mais os entendemos como qualidades secundárias de objetos. A principal qualidade dos objetos é o fato de serem, simplesmente, objetos, exatamente no sentido de que, para um filósofo como Harman, os objetos são objetos até o núcleo.

Mas ser objetos primeiro tem implicações diretas na programação. Na OOP, qualidades secundárias, como distinções de gênero, são simplesmente atribuídas. Do ponto de vista do código, quando todas as coisas são objetos, elas são individualmente nomeadas e, como tal, podem ser interpoladas em um programa. Isso significa que todas as coisas, como indivíduos, podem ser interligadas em rede, incluídas em software e, assim, sistematizadas, operacionalizadas e instrumentalizadas.

Agora a OOP pode parecer mais com o deslizamento freudiano da OOO. E aqui está a pegadinha: se na OOP, todas as coisas como indivíduos podem ser interligadas e

instrumentalizadas, na OOO, todos os indivíduos, como coisas, podem ser tão instrumentalizados. Embora a OOO negue que o “P” tenha caído de seu nome tanto quanto repudia a política, a programação dá forma à política orientada aos objetos. Não pode ser coincidência que essa teoria esteja emergindo de uma cultura global que fetichiza a programabilidade. Uma aura de programação satura essas filosofias, insinuando algo fundamental sobre a objetividade contemporânea.

A concepção de Harman sobre os objetos se baseia em sua análise Heideggeriana da ferramenta, e em sua visão de que os objetos são sempre e fundamentalmente ferramentas “disponíveis à mão” (“ready-to-hand”) ou ferramentas quebradas, “presentes à mão” (“present-at-hand”), permeando todo o seu pensamento orientado aos objetos. Com isso em mente, o feminismo orientado aos objetos liga o “ser ferramental” (“tool being”) de Harman à instrumentalização de todos os objetos, independentemente de sua utilidade ou inutilização. Em rede por meio de códigos, todos os objetos são obrigados a gerar o próprio “hiperobjeto” (“hyperobject”) - para emprestar o termo de Morton - os dados. Isso é verdade, observou R. Joshua Scannell, mesmo quando um objeto não faz nada. Uma ferramenta quebrada “não” gera dados em tempo real, o que em si é uma informação comercializável sobre seu quebrantamento.

Em alguns dos capítulos que se seguem, o pensamento feminista orientado aos objetos se volta para a necropolítica. Na necropolítica, a capacidade de todos os objetos serem instrumentalizados, vivos ou mortos, impõe um foco diverso nos investimentos das ecologias sombrias na não-humanidade e na não-vida, e de fato traz a “negritude” (“blackness”) de volta à questão do racismo. A ferramenta quebrada de Harman ressoa, mas não com um vibrante animismo. Em vez disso, essa noção da ferramenta se conecta com a avaliação de Aquiles Mbembe em seu ensaio seminal de que “a vida do escravo é como uma ‘coisa’”, uma “mera ferramenta e instrumento de produção” (Mbembe 2003, p. 22). Assim como o biopoder afirma uma divisão racial, “uma divisão entre os vivos e os mortos”, o necropoder traduz o direito soberano de distinguir os que vivem e os que morrem de maneira diferente (Mbembe 2003, p. 17). Mbembe, escrevendo sobre a escravidão, poderia estar descrevendo o quebrantamento da ferramenta quando escreve: “Como instrumento de trabalho, o escravo tem um preço. Como propriedade, ele ou ela tem um valor. Seu trabalho é necessário e usado. O escravo é, portanto,

mantido vivo, mas em estado de injúria...” Ele continua: “A vida dos escravos, em muitos aspectos, é uma forma de morte na vida” (Mbembe 2003, p. 21).

A tensão fundamental do OOF entre objetificação e autocontrole é trazida à tona no *The Panhandler Project*, de Barbara DeGenevieve³³. DeGenevieve fotografou e gravou em vídeo cinco sem-teto em Chicago entre 2004 e 2006. Os homens concordaram em posar nus para ela em troca de almoço e jantar, US\$ 100 e uma noite em um quarto de hotel. Como DeGenevieve explica para uma das modelos durante a filmagem, “Por você ser um sem-teto, muitas pessoas vão dizer que estou explorando você porque pedi para você tirar a roupa. . . . Essa é a última palavra no mundo da exploração”. O projeto de DeGenevieve perturba o que ela chama de “politicamente correto” do mundo da arte e da academia, direcionando as convenções de poder de gênero, classe e raça, e fortalecendo negros sem-teto para fazer escolhas sobre sua objetivação por uma professora universitária branca. Ela pergunta repetidamente: “Eu os explorei? Todos responderam que não... Era uma questão de quanto valeu a pena para mim em relação a quanto valeu a pena para eles”³⁴. E, de fato, como ela aponta, ela não teria um projeto se não fosse pelo consentimento deles. O *Projeto Panhandler* pergunta quem controla essa interação. Além disso, reflete uma questão crítica para o feminismo orientado aos objetos: não seria hora de abandonarmos termos orientados para o sujeito, como controle, consentimento e coerção, se nosso objetivo é o autocontrole orientado aos objetos?

O OOF enfatiza a ontologia como um arranjo político, o realismo como uma arena para o autocontrole e a relação, e a objetividade como uma orientação situacional, de modo a apreender e alterar as perspectivas interseccionais dos objetos de autodeterminação, solidariedade e resistência. A qualidade de resistência interna dos objetos merece nossa maior atenção. No feminismo orientado aos objetos, os objetos carregam uma resistência interna, mesmo na medida em que um sussurro erótico de morte em vida, de autodestruição, sempre assombre a condição de objeto. Nesse tipo de “estar errado”, onde a modesta ética da auto-

³³ Uma versão resumida da documentação em vídeo de cinquenta minutos dá uma visão geral deste projeto. Barbara DeGenevieve; *The Panhandler Project* (vídeo): <https://vimeo.com/29540736>. Ver também o perfil do artista, incluindo fotografias do projeto, no Museu de Fotografia Contemporânea: [//www.mocp.org/detail.php?Type=related&kv=7036&t=people](http://www.mocp.org/detail.php?Type=related&kv=7036&t=people).

³⁴ Escola do Instituto de Arte de Chicago, “Documentando *The Panhandler Project* de Barbara DeGenevieve”, 2015: <https://vimeo.com/52015733>.

implicação se une à erótica necropolítica do auto-sacrifício, o OOF reorganiza sua política. Nos ensaios coletados neste volume, nós os implantamos nas preocupações feministas, *queer*, pós-coloniais, anticapitalistas discutidas acima.



Figura 2 - Barbara DeGenevieve, Mike #6, 2005. Inkjet print, 12 x 14% inches. Cortesia do Estate of Barbara DeGenevieve e do Museum of Contemporary Photography at Columbia College Chicago.

Visão geral dos capítulos

A metodologia emergente do OOF, colocada em prática nas páginas que se seguem, transita pela arte e pelo artifício, pela tecnologia e pelo humor, pela erótica e pela política. Vários desses capítulos foram compostos para este volume; outros foram desenvolvidos a partir de trabalhos apresentados pela primeira vez nos painéis do OOF reunidos na Sociedade de Literatura, Ciências e Artes entre 2010 e 2014. Muitos dos temas desses painéis, Programas, Partes, Closer, Deviance e Futures, ecoam ao longo desta coleção. De forma orientada aos objetos, os leitores podem abordar esses ensaios individualmente, sequencialmente ou em qualquer ordem. Aqui, eles são organizados em três agrupamentos aproximados e sugestivos.

Os primeiros ensaios assumem questões sobre a independência e as relações entre os objetos. Como os objetos se auto-constituem ou constituem um ao outro? O que distingue um objeto de um objeto vizinho ou um todo de uma peça? Como os objetos se identificam e se

auto-objetificam, particularmente em um meio cultural? Como podemos explicar e até caracterizar as relações entre os objetos?

Ao investigar a distinção entre objetos e coisas, que muitas vezes é omitida na teoria orientada aos objetos, Aristarkhova retorna à descrição de Martin Heidegger do processo “agressivo” de objetivação pelo qual as coisas se tornam objetos. Heidegger define uma menina como “uma coisa jovem” (nem objeto nem totalmente humano) e sugere que filósofos e artistas têm uma relação especial com a responsabilidade de proteção de tais “meras” coisas, diferentes, por exemplo, dos objetos da ciência. Examinando essa relação no contexto de artistas humanos e objetos de arte não-humanos, Aristarkhova considera obras de arte feministas destinadas a objetivar a objetificação dos objetos e teoriza o difícil potencial ético de “um objeto feminista”.

Seguindo o princípio de retirada de objetos de OOO e argumentando contra a metafísica da presença, Morton desenvolve o conceito de “estranho essencialismo” (“weird essentialism”). Morton sugere que a retirada torna todos os objetos inerentemente desviantes, “entrelaçados” através de outros objetos e em um *loop* com eles mesmos. Ele sugere que todos os objetos executam um desvio interno que se diferencia de si mesmo, o que ele compara à teorização de Luce Irigaray sobre a divergência entre as mulheres e a lógica falocêntrica.

Frenchy Lunning compara as metáforas do *allure*³⁵ de Graham Harman e de abjeção de Julia Kristeva. Enquanto a metáfora do *allure* de Harman descreve um gesto sedutor, solicitando a alteridade retirada de outros objetos, a metáfora da abjeção de Kristeva é uma “repulsa violenta enclausurada para além da 'alteridade'”. Examinando esses movimentos gêmeos da perspectiva das performances da feminilidade, Lunning explora como *allure* e a abjeção acontecem em relação ao corpo feminino como objeto de fetiche. Em sua leitura das modas fetiche da subcultura *Lolita*, Lunning descobre um complexo pelo qual o corpo menstrual abjeto, coberto de significantes de um *alluring* corpo pré-menstrual, é ressexicionado e agravado como abjeto novamente.

Os próximos ensaios exploram questões colocadas pelo feminismo orientado aos objetos em relação à verdade, arte e erótica. O que a verdade afirma que o pensamento

³⁵ Para Graham Harman, *allure* designa o sentido da existência de um objeto para além de suas próprias qualidades. *Allure* tem a ver com a emergência daquilo que é, estritamente falando, inacessível. Em caso de *allure*, encontro o próprio ser de uma coisa, além de toda definição ou correlação. *Allure* poderia ser traduzido (de forma talvez imprecisa) por algo como fascínio ou fascinação. Decidimos por manter o termo em inglês [N.T.].

orientado aos objetos representa? Qual é o valor da verdade como tal e qual é o valor daquilo que excede a verdade, como a falsidade ou a ficção? Que ética é derivada de verdades e inverdades, e que *insights* éticos e antiéticos podem produzir arte e artificialidade? Que papéis a arte, os artistas e os artifícios desempenham no engajamento de envolvimentos com objetos em experiências e experimentos eróticos?

O *allure* estético alega achatar o campo de jogo para todos os objetos, mas, como aponta Povinelli, *allure* é impossível quando não há nenhum encontro estético em primeiro lugar. De fato, o poder social que acompanha certos objetos pode impedir encontros com objetos subalternos. Em contraste com o conceito de ancestralidade de Meillassoux, Povinelli discute obras de ficção indígenas. Dois filmes, *When the Dogs Talked* e *The Origins of Bigfoot*, e um conto, "That Not Monster", articulam como afirmações fantásticas e contestadas sobre a verdade produzem relações materiais entre comunidades sociais e não-vida de objetos, e são elas mesmas resultado de tais relações.

Utilizando perspectivas da mídia e da *performance art* para contrabalançar os materialismos vitalistas que afirmam a vida, proponho uma proposta de ética necrofílica. Aplicando o conceito de plasticidade de Catherine Malabou a obras de artistas feministas de performance e corpo, em particular o artista de cirurgia plástica Orlan, eu recomendo a auto-objetificação através de procedimentos plásticos similares. Botox cosmético, empregado na morte eletiva do rosto, oferece uma oportunidade para objetificar radicalmente o eu, suprimindo a facialidade e, com ela, a ética levinaseana de rostidade e vivacidade.

O bioartista Adam Zaretsky considera a catexia objetal, concentrando-se em modificadores adjetivos no lugar de substantivos orientados aos objetos. Usando tecnologias modificadoras como a "arma do gene", os transgeneticistas e bioartistas produzem frequentemente formas fracassadas e parciais que sugerem que os estudos da deficiência poderiam muito bem informar o feminismo orientado aos objetos ao lado de discursos de gênero e pós-colonialidade. Sinalizando uma erótica feminista orientada aos objetos, Zaretsky identifica como a modificação - através de *bioarts*, tecnologias transgênicas ou adjetivos - produz qualidades ampliadas, cruzadas e codificadas de maneira diferente no excesso radical de objetos em si.

Anne Pollock investiga os dilemas colocados por naturezas "artificiais", exemplificado pelo caso da desregulação endócrina em aves. O resultado da poluição, a desregulação

endócrina parece causar traços e comportamentos estranhos como a parceria entre pessoas do mesmo sexo ou características intersexuais na vida selvagem. Respondendo de forma lúdica e provocadora ao pânico sexual em torno desta questão, Pollock analisa cuidadosamente as competições feministas envolvidas na aceitação da não reprodutividade como um fim em si mesmo. Relacionado com os eróticos adjetivos *queers* de Zaretsky, Pollock expõe as múltiplas valências de ser “destruído” ou “intoxicado” com toxinas, e brinda aos prazeres potenciais produzidos na destruição ou intoxicação.

Os ensaios finais abordam economias que conectam objetos humanos e não-humanos. Na circulação econômica, todos os objetos são continuamente reposicionados como produtores, consumidores e mercadorias. À medida que esses papéis se tornam cada vez mais difíceis de diferenciar, voltamos a questões de relações entre objetos e a questões do humano, entendidas aqui como preocupações políticas. Quando atraídos para as histórias de troca e ligados a sistemas de exploração, como os objetos respondem e que formas de política são expressas nessa conversa? Como essas economias atenuam e reforçam categorias de vida e não vida, produtividade e não produtividade?

Contra aqueles que apelariam ao novo materialismo para uma política adequadamente não-antropocêntrica, Marina Grzanic argumenta que, como a OOO, o novo materialismo participa de um projeto a-histórico (talvez até desistoricizador). Indo além das reclamações sobre a objetificação e mercantilização dos seres humanos, Grzanic mostra como o novo materialismo replica o que ela chama de “humanização do capital”. Este movimento muda o argumento de uma crítica marxista-feminista no nível de *commodities* para um interrogatório muito maior no nível do capital, que por sua vez ecoa a mudança da biopolítica para a necropolítica. Grzanic implica que estamos falsamente preocupados com a objetificação, isto é, com humanos na OOO; em vez disso, devemos nos preocupar com a humanização, isto é, com o capital no novo materialismo.

Em seu carinhoso e cuidadoso relato sociológico das práticas do Tarot, Karen Gregory percebe inversões nos papéis ativos e passivos assumidos pelas cartas do Tarot e pelos leitores de tarô. A agência das cartas e a vivacidade comunicativa estão em primeiro plano, contrastando a postura passiva do leitor humano, escutando meditativamente as mensagens das cartas. Mas elas também compelem os seres humanos à atividade na forma de trabalho

afetivo, cultivando um senso de identidade e autoridade pessoal. No entanto, esse eu especializado refaz a habilidade ou o valor afetivo do leitor em mercadoria.

R. Joshua Scannell considera o exemplo do Departamento de Polícia de Nova York e seu Domain Awareness System (DAS), uma vasta experiência em policiamento preditivo estatístico usando dados em tempo real - que o próprio Scannell chama de "governança por algoritmo" ("governance by algorithm"). Para ele, o DAS tipifica como o objeto difuso do "big data"³⁶ evoca uma reorientação dos sujeitos humanos e dos objetos. No big data, uma inversão peculiar se estabelece de tal forma que todos os objetos devem ser computacionais para serem considerados "reais", ou seja, proporcionais a sistemas nos quais algoritmos exigem "cuidados" dos humanos, até mesmo "desenhando trabalho para eles". Em última análise, a governança algorítmica é direcionada não para o humano, mas para o matemático.

Este livro procura não definir o feminismo orientado aos objetos, mas sim representá-lo. As ideias, métodos e aspirações encontradas aqui foram desenvolvidos ao longo de vários anos em conversas e colaborações, tanto pessoais como profissionais. Em muitos aspectos, este livro é tão retrospectivo quanto prospectivo. Como qualquer artefato de prática, contém registros tácitos de suas vidas passadas, e emendas e avaliações acumuladas em todas as tentativas ao longo do caminho. Por esta razão, e se compreendermos o OOF como um objeto feminista do pensamento coletivo, há inúmeros colaboradores neste volume que merecem agradecimentos dentro do corpo deste texto. Os autores: Irina Aristarkhova, Karen Gregory, Marina Grzinic, Frenchy Lunning, Timothy Morton, Anne Pollock, Elizabeth A. Povinelli, R. Joshua Scannell e Adam Zaretsky; os palestrantes, debatedores e interlocutores dos simpósios do OOF: Jamie "Skye" Bianco, Ian Bogost, Wendy Hui Kyong Chun, Patricia Ticineto Clough, Melanie Doherty, Orit Halpern, N. Katherine Hayles, Eileen Joy, Danielle Kasprzak, Amit Ray, Steven Shaviro, Rebekah Sheldon, Susan Squier, e membros da Sociedade de Literatura, Ciência e Artes; e aqueles que nos ofereceram seu generoso apoio, *insights* e incentivo: Jane Bennett, Alexander R. Galloway, Graham Harman, Emmy Mikelson, Katy Siegel, Trevor Smith e Iris van der Tuin.

Referências bibliográficas

³⁶ Big data indica a análise e a interpretação de grandes volumes de dados de grande variedade [N.T.].

AUERBACH, David. "Encyclopedia Frown". In: *Slate*, 11 de Dezembro, 2014. Disponível online em: http://www.slate.com/articles/technology/bitwise/2014/12/wikipedia_editing_disputes_the_crowdsourced_encyclopedia_has_become_a_rancorous.html.

AHMED, Sara. "Open Forum Imaginary Prohibitions: Some Preliminary Remarks on the Founding Gestures of the 'New Materialism'". In: *European Journal of Womens Studies* 15, no. 1, 2008, pp. 23-39;
_____. *Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2006, pp. 112-117.

BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2007.

BARRET, Estelle, BOLT, Barbara (eds.). *Carnal Knowledge: Towards a New Materialism through the Arts*. New York: I. B. Tauris, 2013. PITTS-TAYLOR, Victoria (ed.). *Mattering: Feminism, Science, and Materialism*. New York: New York University Press, 2016.

BEHAR, Katherine, MIKELSON, Emmy (eds.). *And Another Thing: Nonanthropocentrism and Art*. Earth, Milky Way: punctum books, 2016.

BELLACASA, Maria Puig de la. "Nothing Comes without Its World': Thinking with Care". In: *Sociological Review* 60, n. 2, 2012, pp. 197-216.

BENNETT, Jane. *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2010.

BERRY, D. "The Uses of Object-Oriented Ontology". In: *Stunlaw: A Critical Review of Politics, Arts, and Technology*, 25 de Maio, 2012. Disponível online em: <http://stunlaw.blogspot.nl/2012/05/uses-of-object-oriented-ontology.html>.

BOGOST, Ian. "Object-Oriented Feminism: At the 2010 Society for Literature Science and the Arts Conference". Disponível online em: http://bogost.com/writing/blog/object-oriented_feminism_1/.

BRUECKNER, Hannah. "Collaborative Research: Wikipedia and the Democratization of Academic Knowledge". Award Abstract No. 1322971, National Science Foundation. Disponível online em: http://www.nsf.gov/awardsearch/showAward?AWD_ID=1322971.

BRYANT, Levi R. *The Democracy of Objects*. Ann Arbor, Mich.: Open Humanities Press, 2011.

BOGOST, Ian. *Alien Phenomenology, or What It's Like to Be a Thing*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

BRAIDOTTI, Rosi. "Cyberfeminism with a Difference":

[http://www.let.uu.nl/womens_studies/rosi/cyberfem.htm# par1](http://www.let.uu.nl/womens_studies/rosi/cyberfem.htm#par1)

BRYANT, Levi, SRNICEK, Nick, HARMAN, Graham. (eds.) *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. Melbourne: re.press, 2011.

CIXOUS, Hélène. "The Laugh of the Medusa", In: *Signs* 1, no. 4, 1975, pp. 875-893.

CLOUGH, Patricia Ticineto. "Feminist Theory: Bodies, Science and Technology". In: TURNER, Bryan S. (ed.). *Handbook of Body Studies*. New York: Routledge, 2012, pp. 94-105.

__. "A Dream of Falling: Philosophy and Family Violence". In: CASELLA, Eleanor et al (eds.). *Handbook of Object Matters*. New York: Routledge, 2013.

__. "The Object's Affect: The Rosary". In: ANGERER, Marie Luise et al. (eds.) *Timing of Affect, Epistemologies, Aesthetics, Politics*. Chicago: Diaphanes, 2014.

COOLE, Diana, FROST, Samantha (eds.). *New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics* (Durham, N.C.: Duke University Press, 2010).

COX, Christoph, JASKEY, Jenny, MALIK, Suhail (eds.). *Realism, Materialism, Art* Annandale-on-Hudson, N.Y.: Center for Curatorial Studies, Bard College/Sternberg, 2015.

DASTON, Lorraine. "Objectivity and the Escape from Perspective". In: *Social Studies of Science* 22, no. 4, 1992, pp. 597-618.

DAVIS, Noela. "New Materialism and Feminism's Anti-Biologism: A Response to Sara Ahmed". In: *European Journal of Womens Studies* 16, no. 1, 2009, pp. 67-80.

DOLPHIJN, R., VAN DER TUIN, Iris. (eds.). *New Materialism: Interviews and Cartographies*. Ann Arbor: Open Humanities Press, 2012.

FANON, Frantz . "The Fact of Blackness". In: BACK, Les, John SOLOMOS, John (eds.) *Theories of Race and Racism: A Reader*. New York: Routledge, 2009, pp. 257-265.

FILIPACCHI, Amanda. "Wikipedia's Sexism toward Female Novelists". In: *New York Times*, 24 de Abril, 2013. http://www.nytimes.com/2013/04/28/opinion/sunday/wikipedia-sexism-toward-female-novelists.html?_r=0.

GALLOWAY, Alexander R. "The Poverty of Philosophy: Realism and Post-Fordism". In: *Critical Inquiry* 39, no. 2, 2013, pp. 347-366.

GROSZ, Elizabeth. "A Politics of Imperceptibility: A Response to 'Anti-racism, Multiculturalism and the Ethics of Identification'". In: *Philosophy & Social Criticism* 28, 2002, pp. 463-472.

GRUSIN, R. *Anthropocene Feminism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

- HARAWAY, Donna. "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century". In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991, pp. 149–181.
- _____. "Cyborgs to Companion Species: Reconfiguring Kinship in Technoscience". In: *The Haraway Reader*. New York: Routledge, 2004, pp. 295–320.
- HARMAN, Graham. *Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects*. Chicago: Open Court, 2002.
- HARRINGTON, Elizabeth. "Government-Funded Study: Why Is Wikipedia Sexist? \$202,000 to Address 'Gender Bias' in World's Biggest Online Encyclopedia". In: *Washington Free Beacon*, 30 de Julho, 2014. Disponível online em: <http://freebeacon.com/issues/government-funded-study-why-is-wikipedia-sexist/>.
- HINTON, Pita, VAN DER TUIN, Iris. (eds.). "Feminist Matters: The Politics of New Materialism". In: *Women: A Cultural Review* 25, 1, 2014.
- JOY, Eileen A., KOLOZOVA, Katerina, WOODWARD, Ben (eds.). *After the 'Speculative' Turn: Realism, Philosophy, and Feminism*. Earth, Milky Way: punctum books, 2016.
- KELLER, Evelyn Fox. "Gender and Science". In: *Reflections on Gender and Science*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1985, pp. 75–94.
- LABELLE, Charles. "Valie Export". In: *Frieze* 60, Junho-Agosto de 2001. Disponível online em: http://www.frieze.com/issue/review/valie_export/.
- LATOUR, Bruno, WEIBEL, Peter (eds.). *Making Things Public: Atmospheres of Democracy*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005.
- LORDE, Audre. "Uses of the Erotic: The erotic as Power". In: *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Freedom, CA: Crossing Press, 1984, pp. 53-59.
- MACKAY, Robin. (ed.). *Collapse II: Speculative Realism*. Falmouth, U.K.: Urbanomic, 2012.
- MARRES, Noortje. *Material Participation: Technology, the Environment, and Everyday Publics*. New York: Palgrave MacMillan, 2012.
- MBEMBE, Achille. "Necropolitics". In: *Public Culture* 15, no. 1, 2003.
- MEILLASSOUX, Q. *After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency*. New York: Continuum, 2009.
- MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema". In: *Screen* 16, no. 4, 1975, pp. 6-18.
- O'ROURKE, M. "'Girls Welcome!!!': Speculative Realism, Object Oriented Ontology, and Queer Theory". In: *Speculations* 2, 2011, pp. 275–312.

PFEFFER, Suzanne. *Speculations on Anonymous Materials*. Kassel: Verlag der Buchhandlung Walther König, 2015.

POLLOCK, Anne. "Heart Feminism". In: *Catalyst: Feminism, Theory, Tech- noscience* 1, no. 1, 2015. Disponível online em:
<http://catalystjournal.org/ojs/index.php/catalyst/article/view/pollock/98>.

POVINELLI, Elizabeth A. "The Four Figures of the Anthropocene". Trabalho apresentado na conferência "Anthropocene Feminism", 10 de Abril, 2014, Center for 21st Century Thought, University of Wisconsin, Milwaukee. Disponível online em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V0gcOqWNG9M>.

SAID, Edward. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 1979.

SEIJDEL, Jorinde (ed.). *Politics of Things: What Art and Design Do in Democracy, special issue*. In: *Open: Cahier on Art and the Public Domain*, 11, no. 24, 2012.

SHARP, Hasana. "The Impersonal Is Political: Spinoza and a Feminist Politics of Imperceptibility". In: *Hypatia* 24, n. 4, 2009, pp. 84–103.

SHAVIRO, Steven. *The Universe of Things: On Speculative Realism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

SIEGEL, Katy. "Worlds with Us". In: *Brooklyn Rail*, 15 de Julho 15, 2013.
<http://www.brooklynrail.org/2013/07/art/words-with-us>.

SIMON, Joshua. "Neo-Materialism, Part I: The Commodity and the Exhibition", "Neo-Materialism, Part II: The Unreadymade", e "Neo-Materialism, Part III: The Language of Commodities". *E-flux Journal*. Disponível online em:
<http://www.e-flux.com/journals/?user=8417>;

SPINKLE, Annie. "A Public Cervix Announcement":
<http://anniesprinkle.org/a-public-cervix-announcement/>.

STENGERS, Isabelle. "Another Look: Relearning to Laugh". *Hypatia* 15, no. 4, 2000, pp. 41-54.

SULLIVAN, Nikki. "The Somatechnics of Perception and the Matter of the Non/human: A Critical Response to the New Materialism". In: *European Journal of Women's Studies* 19, no. 3, 2012, pp. 299-313.

TALLBEAR, Kim. *Native American DNA*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

THRIFT, Nigel. "The Insubstantial Pageant: Producing an Untoward Land". In: *Cultural Geographies* 19, n. 2, 2012, pp. 141–168.

WEINER, Lawrence. "Notes from Art (4 pages)," "Words and Word- works". In: *Art Journal* 42, no. 2, 1982, pp. 122-125.

WILLEY, A. "Biopossibility: A Queer Feminist Materialist Science Studies Manifesto, with Special Reference to the Question of Monogamous Behavior". In: *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 41, no. 3, 2016.

YOUNG, Iris Marion. "Gender as Seriality: Thinking about Women as a Social Collective". In: *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 19, n. 3, 1994, pp. 713-738.